

# ENTREVISTA DUNCAN H. PRITCHARD

Hesley Machado Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário de Formiga (UNIFOR/MG)



*O Professor Duncan H. Pritchard é uma figura proeminente no campo da filosofia contemporânea, com ênfase especial em epistemologia. Atualmente, ocupa o cargo de Professor Distinto de Filosofia na Universidade da Califórnia, Irvine (UCI), onde também dirige o Centro Interdisciplinar de Conhecimento, Tecnologia e Sociedade. Além disso, lidera o projeto curricular “Anteater Virtues”, que visa promover virtudes intelectuais como curiosidade, integridade, humildade e tenacidade entre os estudantes universitários. Obteve seu doutorado em Filosofia pela Universidade de St. Andrews em 2000. Antes de sua posição atual na UCI, foi Professor de Filosofia e Diretor do centro de pesquisa Eidyn na Universidade de Edimburgo. Sua pesquisa abrange uma variedade de tópicos dentro da epistemologia, incluindo ceticismo radical, epistemologia das virtudes, epistemologia modal, sorte epistêmica, epistemologia social, compreensão, investigação e conhecimento prático. Pritchard também explora aplicações da epistemologia em domínios específicos como direito, educação, religião, saúde e ciência cognitiva. Entre suas publicações destacam-se os livros: *Epistemic Luck* (2005), *The Nature and Value of Knowledge* (2010), *Epistemological Disjunctivism* (2012), *Epistemic Angst* (2015), *Scepticism: A Very Short Introduction* (2019) e *Wittgenstein on Knowledge and Certainty**

(2024). É também autor do livro didático amplamente utilizado *What is This Thing Called Knowledge?*, atualmente em sua quinta edição. Pritchard recebeu diversos reconhecimentos por suas contribuições acadêmicas, incluindo o Prêmio Philip Leverhulme em Filosofia (2007), foi eleito membro da Royal Society of Edinburgh (2011) e recebeu o Prêmio Paul H. Silverman por Trabalho Excepcional em Ética (2024). Além de suas atividades acadêmicas, está envolvido em projetos de filosofia aplicada, como a introdução do ensino de filosofia em prisões escocesas e a exploração do papel da cognição estendida na educação de pessoas com necessidades especiais. É também editor-chefe da *Oxford Bibliographies: Philosophy* e coeditor-chefe do *International Journal for the Study of Skepticism*. O Professor Pritchard é reconhecido internacionalmente por sua abordagem inovadora e interdisciplinar na filosofia, contribuindo significativamente para o entendimento contemporâneo do conhecimento e suas implicações práticas na sociedade.

1. A Filosofia é frequentemente percebida como uma disciplina algo desvinculada das preocupações imediatas da vida cotidiana, especialmente por estudantes e profissionais de outras áreas do conhecimento. No entanto, sua trajetória acadêmica revela um esforço constante em aproximar a reflexão filosófica dos dilemas contemporâneos da humanidade. Poderia nos explicar de que forma a Filosofia pode ser mobilizada como uma ferramenta prática para a compreensão e o enfrentamento crítico das complexidades do mundo moderno?

Prof. Duncan: É interessante observar como a filosofia contemporânea tornou-se tão distanciada tanto da vida cotidiana quanto de outras disciplinas – o que se torna ainda mais surpreendente se considerarmos sua história. Alguém como Aristóteles, por exemplo, não consideraria qualquer tema relevante como estando fora dos limites da investigação filosófica – em sua obra não havia distinção entre questões filosóficas abstratas e, por exemplo, aquelas que hoje consideraríamos científicas. Ademais, ele claramente compreendia sua atividade filosófica como algo de relevância prática para a vida humana. De fato, isso se aplica também a filósofos

centrais do período moderno até os primeiros anos do século XX. Basta pensar em Descartes, Leibniz, Kant, Mill, Russell e Wittgenstein – todos eles se dedicaram a investigações que extrapolavam os limites tradicionais da filosofia e, em diferentes medidas, estavam preocupados com as implicações práticas do pensamento filosófico.

Acredito que a separação entre a filosofia e outras disciplinas surgiu, em parte, como resultado da especialização crescente da investigação acadêmica na segunda metade do século XX. Ainda assim, devemos resistir a essa fragmentação sempre que possível, conectando-nos a outras áreas do saber, sobretudo diante da existência de tantos pontos de intersecção evidentes. Para qualquer disciplina X, sempre existirá uma “filosofia de X”, onde filósofos podem oferecer contribuições significativas.

Contudo, apenas estar aberto ao diálogo com outras disciplinas nem sempre será suficiente para produzir benefícios práticos (embora, muitas vezes, isso ocorra). É necessário, adicionalmente, um comprometimento com a atuação para além dos muros da academia. Na verdade, acredito que isso ocorra mais frequentemente na filosofia do que se costuma perceber – apenas não é algo que receba muita visibilidade. Não sei exatamente por quê. Pode refletir o status

relativamente baixo da filosofia em comparação, por exemplo, com as ciências exatas. Ou talvez o fato de que os filósofos, em geral, não saibam se comunicar bem com o público leigo! Coincidentemente, neste momento estou finalizando um livro direcionado ao público geral: *Tempting Fate: Taking Risks, Pushing One’s Luck, and Living an Authentic Life* “Desafiando o Destino: Assumindo Riscos, Forçando a Sorte e Vivendo uma Vida Autêntica” (Princeton University Press, no prelo). Trata-se de um esforço para conectar questões centrais da filosofia contemporânea sobre sorte e risco à pergunta sobre como viver uma vida significativa. Espero sinceramente que essa obra encontre o público mais amplo ao qual se destina.

2. Uma parte significativa de sua produção teórica é dedicada ao estudo do conhecimento. Considerando o atual cenário, marcado pela proliferação de desinformação, teorias conspiratórias e notícias falsas nas plataformas digitais, como o(a) senhor(a) avalia o estatuto contemporâneo do conceito de conhecimento? Sua natureza, valor e função permanecem intactos, ou tais desafios exigem uma reconfiguração conceitual?

Prof. Duncan: Embora eu concorde que houve uma proliferação de desinformação e teorias da conspiração nos últimos anos – algo que tende a se intensificar ainda mais com a nova onda de inteligências artificiais –, não acredito que isso altere a natureza do conhecimento em si. O que está mudando, na verdade, não é o conceito de conhecimento, mas a dificuldade crescente em adquirir certos tipos de conhecimento, em razão das inúmeras formas de engano atualmente disseminadas. Isso é, sem dúvida, trágico. A era da internet e da inteligência artificial poderia ter inaugurado uma era de ouro do saber e da compreensão – mas, em vez disso, tem impulsionado a difusão do engano.

3. Dentre suas contribuições mais notáveis, encontram-se projetos de Filosofia Aplicada com grupos socialmente marginalizados, como pessoas privadas de liberdade e indivíduos com deficiência. Poderia compartilhar os objetivos, metodologias e impactos dessas iniciativas? Que sugestões daria a pesquisadores e educadores interessados em desenvolver projetos voltados à inclusão e à justiça social por meio da Filosofia?

Prof. Duncan: Meu interesse por práticas educacionais voltadas a estudantes com deficiência surgiu porque um de meus filhos nasceu com lesão cerebral e, por isso, frequentou uma escola de educação especial (primeiramente em Edimburgo, e depois em Irvine, Califórnia, onde residimos atualmente). O que me chamou a atenção foi como a tecnologia era rotineiramente integrada às práticas educacionais especiais, com o objetivo de auxiliar os estudantes a superarem dificuldades físicas e cognitivas. Isso me pareceu um exemplo concreto do conceito de cognição estendida, proveniente das ciências cognitivas – segundo o qual certos dispositivos tecnológicos passam a integrar, ao longo do tempo, o próprio processo cognitivo. (Ou seja, nem toda cognição ocorre exclusivamente dentro do cérebro). Trabalhar com cientistas sociais no estudo do uso de tecnologias em escolas de educação especial nos permitiu verificar empiricamente se tais práticas favorecem a cognição estendida – e a resposta é afirmativa.

Minha entrada na educação prisional decorre da experiência anterior com o ensino de filosofia em escolas (ainda no Reino Unido, antes de minha mudança para a Califórnia). Um dos desafios de ensinar filosofia para crianças muito pequenas (de 6 ou 7 anos, por exemplo) é

torná-la divertida, acessível e interativa. Assim, costuma-se iniciar discussões sobre o que é real, utilizando objetos como estímulo (um tanque de brinquedo é real? Não é um tanque real, mas também não está fingindo ser um. Uma flor de plástico é tão real quanto uma flor natural? Um sonho é real?). Essa abordagem, percebi, também poderia funcionar em ambientes prisionais. Para nossa surpresa, os educadores das prisões receberam a ideia com grande entusiasmo, e começamos, então, a treiná-los para aplicar esse modelo de educação filosófica. Note que, embora eu o chame de “educação filosófica”, ele não corresponde ao ensino tradicional da filosofia, baseado na exposição de autores e teorias. Trata-se, antes, de um exercício puro de “pensar o pensamento”. É justamente isso que o torna tão poderoso. Teve um efeito transformador nos presos, que passaram a dominar as habilidades de pensamento crítico que lhes ensinamos e demonstraram um intenso desejo de continuar aprendendo. Atualmente, continuo envolvido com projetos de educação prisional na Califórnia, agora em uma iniciativa bastante distinta.

Quanto a conselhos a outros filósofos interessados nesse tipo de trabalho, eu apenas enfatizaria o quanto esses projetos podem ser recompensadores. É

necessário estar disposto a dialogar com pesquisadores de outras áreas, mas, como já mencionei, considero essa abertura algo extremamente saudável para a filosofia.

**4. Em uma era de crescente valorização da pesquisa interdisciplinar, quais seriam, em sua avaliação, os principais desafios e potencialidades na integração da Filosofia com áreas como Educação e Saúde? Em sua perspectiva, de que modo a reflexão filosófica pode contribuir para o desenvolvimento de abordagens investigativas mais críticas, éticas e abrangentes nesses domínios?**

Prof. Duncan: Trabalhos interdisciplinares são sempre desafiadores, por uma razão simples: eles exigem que atuemos fora de nossa zona de conforto. Requerem disposição para adaptar métodos e abertura a diferentes perspectivas. No entanto, também podem ser extremamente frutíferos, especialmente para os filósofos. Como mencionei anteriormente, em qualquer domínio do saber, surgem inevitavelmente questões filosóficas, e muitas vezes a melhor forma de abordá-las é por meio da colaboração com especialistas daquela área.

Um dos projetos em que estou atualmente envolvido busca oferecer aos estudantes que pretendem seguir

carreiras na área da saúde (como medicina, farmácia, enfermagem etc.) uma formação mais ampla e humanística. Em diálogo com acadêmicos da saúde, percebe-se um sentimento comum de que, embora seja essencial fornecer a esses estudantes habilidades específicas e conhecimentos técnicos, algo fundamental se perde nesse processo. Devemos lembrar que profissionais da saúde frequentemente se deparam com pacientes em momentos cruciais de suas vidas – o nascimento de um filho, a morte de um ente querido, o diagnóstico de uma doença grave. É aí que a Filosofia (juntamente com outras disciplinas humanísticas) pode oferecer um entendimento mais profundo da experiência humana, algo que pode enriquecer o contato com os pacientes e tornar a prática profissional mais gratificante.

Na Educação, dois desafios urgentes se colocam no momento, e estou envolvido em projetos colaborativos com cientistas sociais que buscam enfrentá-los. O primeiro refere-se à necessidade de defender o valor da educação em um contexto em que seu significado é constantemente questionado. O projeto Anteatr Virtues, que explicarei a seguir, responde a esse desafio ao explicitar o verdadeiro propósito de uma educação de qualidade. O segundo desafio diz

respeito ao impacto da nova onda de inteligências artificiais sobre a educação. Como evitar o plágio e promover entre os estudantes o reconhecimento do valor de atividades como ler e escrever, em vez de simplesmente terceirizar essas tarefas às IAs? Esse projeto se articula ao primeiro, na medida em que estamos tanto rastreando o uso da IA entre os alunos e testando estratégias de enfrentamento, quanto investigando empiricamente se os estudantes que participaram do projeto Anteatr Virtues tendem a valorizar mais sua formação e, por isso, utilizar a IA de forma ética. (Até agora, os indícios são promissores, embora estejamos ainda nos estágios iniciais).

Acredito que esses projetos nos campos da Saúde e da Educação ilustram bem como a Filosofia pode contribuir significativamente para outras áreas do conhecimento.

**5. Vivemos atualmente um cenário paradoxal: por um lado, observa-se um ceticismo crescente diante dos sistemas religiosos e ideológicos tradicionais; por outro, constata-se a ascensão de posições radicais e dogmáticas. Como o(a) senhor(a) interpreta esse fenômeno sociocultural do ponto de vista filosófico? De que maneiras a prática filosófica pode oferecer ferramentas para a mediação**

## crítica e a resistência aos extremismos ideológico e religioso?

Prof. Duncan: Concordo com Hegel ao afirmar que cada época carrega em si contradições internas que podem ser momentaneamente estabilizadas, mas que, com o tempo, tornam-se tão prementes que conduzem a um novo espírito do tempo (Zeitgeist). Acredito que o senhor destaca aqui uma dessas contradições da atualidade: ao mesmo tempo que vivenciamos um ceticismo generalizado, testemunhamos o crescimento do dogmatismo radical. Paradoxalmente, ambas as posturas parecem emergir de fontes semelhantes, como a desconfiança nas instituições estabelecidas — a mídia tradicional, as lideranças políticas, entre outras.

No plano individual, a resistência a esses extremos passa pelo cultivo de uma personalidade intelectual virtuosa. Considero esse elemento essencial para o florescimento humano e defendo que ele deveria estar no cerne das práticas educacionais. Em suma, educar não é apenas transmitir fatos úteis e habilidades técnicas, mas, acima de tudo, desenvolver o caráter intelectual virtuoso. Somente sujeitos intelectualmente virtuosos terão condições de enfrentar o mal-estar contemporâneo que o senhor mencionou. Retomarei esse ponto na

próxima resposta, em conexão com o projeto Anteater Virtues, que coordeno.

**6. O senhor coordena o projeto “Anteater Virtues”, voltado para o cultivo de virtudes intelectuais – como curiosidade, integridade, humildade e tenacidade – entre estudantes universitários. Poderia nos apresentar os fundamentos teóricos e pedagógicos dessa iniciativa? Quais têm sido seus resultados e impactos até o momento? Considera que o modelo pode ser aplicado a outros contextos acadêmicos fora dos Estados Unidos?**

Prof. Duncan: Todas as iniciativas educacionais das quais participei – filosofia nas escolas, em prisões, e especialmente o projeto Anteater Virtues – têm origem em uma concepção influente sobre o propósito maior da educação. Segundo essa visão, educar consiste, fundamentalmente, em cultivar o caráter intelectual virtuoso, entendido como o conjunto integrado de traços admiráveis de personalidade intelectual, como coragem intelectual, humildade, tenacidade e assim por diante.

O que me interessa nesse paradigma é que ele oferece uma explicação poderosa sobre como a educação pode ser verdadeiramente libertadora. Embora, obviamente, ensinem-se fatos e habilidades específicas, o objetivo último

é algo mais grandioso: o desenvolvimento do caráter intelectual. Uma maneira de expressar isso seria dizer que uma boa educação não ensina o que pensar (muito menos o que valorizar), mas fornece as ferramentas necessárias para que o indivíduo pense por si mesmo – e, assim, viva com sabedoria.

Essa tradição educacional tem raízes históricas profundas, ganhando força especialmente no século XIX com figuras como Wilhelm von Humboldt e John Henry Newman, ambos fortemente interessados – como eu – na aplicação desse modelo ao ensino superior.

Interessantemente, esse paradigma não se sustenta apenas na teoria: ele também é fortemente respaldado por evidências empíricas. Diversos estudos mostram que a educação voltada para o cultivo de virtudes intelectuais promove melhorias significativas no desempenho acadêmico. O que torna o projeto Anteater Virtues tão especial é o fato de ele ser a primeira tentativa de integrar esse modelo educacional ao núcleo de uma universidade pública de pesquisa de excelência (classificada como R1). O projeto se beneficia ainda da parceria com excelentes cientistas sociais da UC Irvine, que estão avaliando empiricamente os impactos pedagógicos da intervenção.

Além disso, os materiais educacionais desenvolvidos não se destinam apenas aos estudantes da UC Irvine. Produzimos também versões públicas, que vêm sendo utilizadas em diversos contextos educacionais: prisões, escolas, faculdades comunitárias e outras universidades ao redor do mundo. Com isso, esperamos influenciar o debate público sobre o verdadeiro propósito do ensino superior. Diante dos desafios atuais — sejam eles de natureza política ou decorrentes da ascensão da IA —, compreender adequadamente esse propósito torna-se crucial. Se, por exemplo, alguém acreditar que o ensino superior se resume a aprender fatos e habilidades, esse modelo puramente instrumental estará condenado a desaparecer (até porque muitas dessas habilidades serão, em breve, substituídas por inteligências artificiais).

7. O Centro Interdisciplinar de Conhecimento, Tecnologia e Sociedade da Universidade da Califórnia, em Irvine, sob sua direção, constitui um espaço singular de pesquisa e diálogo entre áreas do saber. Poderia apresentar as principais linhas de pesquisa desenvolvidas no centro? O centro acolhe estudantes ou pesquisadores internacionais? Que orientações daria àqueles que desejam integrar essa comunidade científica?

Prof. Duncan: O objetivo do centro é reunir os diversos e já existentes núcleos de trabalho filosófico interdisciplinar da UC Irvine e, ao mesmo tempo, fomentar novas iniciativas de colaboração filosófica entre as disciplinas. Já promovemos parcerias com diversas áreas, como Direito, Religião, Enfermagem, Educação, Ciências Sociais e Ciências Cognitivas. O centro acolhe regularmente pesquisadores internacionais visitantes. Participar é simples, pois nossos eventos são abertos ao público e muitos deles ocorrem de forma virtual, o que permite que qualquer pessoa possa acompanhar sem sair de casa. Estamos sempre abertos a novas propostas de colaboração.

**8. Sua pesquisa filosófica abrange diversos domínios do conhecimento – como Direito, Educação, Religião, Saúde e Ciências Cognitivas –, sempre em diálogo com desafios teóricos e práticos. Com base em sua experiência, quais temas emergentes ou “quentes” o(a) senhor(a) prevê ganharem destaque nesses campos nos próximos anos? Em que medida a Filosofia pode contribuir, de forma significativa, para as transformações complexas que se aproximam?**

Prof. Duncan: Acredito que a grande questão de nossa era é a inteligência

artificial e as implicações que ela traz para a sociedade. Trata-se de um tema que exige uma abordagem interdisciplinar, dado o número expressivo de camadas envolvidas. Até que ponto a IA pode, de fato, substituir a cognição humana? É certo que muitas disciplinas serão transformadas pela nova onda de IA – algumas, inclusive, poderão desaparecer por completo. As disciplinas que permanecerem serão particularmente interessantes, pois isso indicará que elas oferecem algo que a IA não consegue replicar.

Estou convencido de que a Filosofia não será substituída pela inteligência artificial, pois, por mais hábeis que essas tecnologias se tornem em dominar certas competências, elas não possuem a capacidade de engajamento autêntico com a reflexão filosófica. E, paradoxalmente, precisaremos mais do que nunca da filosofia para refletir sobre o poder transformador da IA.

No campo da Educação, por exemplo, é fundamental resistir a uma concepção puramente instrumental do que significa educar – aquela que reduz a educação à aquisição de habilidades úteis e conhecimentos práticos –, pois, sob essa lógica, o setor educacional será inevitavelmente substituído pela IA. Precisamos lembrar às pessoas que a educação oferece algo que nenhuma

máquina poderá jamais oferecer: o cultivo do caráter intelectual virtuoso. O desafio está em mostrar como estudantes dotados desse caráter poderão utilizar a IA de maneira significativa, como recurso de aprimoramento do aprendizado — e não como instrumento de delegação total da experiência de aprender (o que, na prática, resultaria em um não-aprendizado). É exatamente por isso que considero o projeto Anteatr Virtues tão essencial.

**9. Como editor-chefe de dois periódicos acadêmicos de prestígio internacional, o senhor está em contato direto com o panorama atual da publicação científica. Poderia comentar sobre a qualidade das submissões que tem recebido e os principais desafios enfrentados pela publicação acadêmica, especialmente diante do uso crescente de inteligência artificial? Que conselhos ofereceria a jovens pesquisadores que almejam publicar em periódicos de alto impacto?**

Prof. Duncan: Até o momento, não observei uma queda na qualidade das submissões. Tampouco encontrei, até onde posso perceber, artigos produzidos por inteligência artificial (embora, naturalmente, isso nem sempre seja fácil de identificar). Penso que o desafio representado pela IA para o campo da

publicação científica ainda está no horizonte, mas se aproxima rapidamente. Não tenho certeza de como deveremos lidar com isso. Atualmente, pesquisas geradas por IA costumam ser detectáveis, até porque frequentemente contêm erros evidentes (como afirmações falsas ou "alucinações" textuais). Contudo, é possível imaginar um futuro em que o uso da IA se torne indetectável. E, mais além, podemos imaginar um cenário no qual a própria IA submeta artigos a um periódico. O que faremos então? Ainda não tenho respostas, mas certamente precisaremos delas — e precisaremos, também, da filosofia para enfrentá-las.

No que diz respeito aos conselhos para jovens pesquisadores (pelo menos na minha área), eu sugeriria concentrar-se em produzir poucos trabalhos, mas de altíssima qualidade, priorizando a publicação nos melhores periódicos possíveis. Isso terá muito mais impacto do que publicar em excesso, sobretudo se isso comprometer a qualidade ou conduzir a publicações em periódicos de menor prestígio. Outro conselho importante é: não leve a rejeição de forma demasiadamente pessoal. Sim, leve os pareceres dos avaliadores a sério e procure incorporar suas críticas em futuras versões do artigo. Mas, se você estiver convicto da qualidade do trabalho, não deixe que uma rejeição o desanime

— revise o texto e submeta-o novamente a outro periódico de alto nível o quanto antes. Como qualquer acadêmico experiente dirá, muitas vezes os melhores e mais influentes trabalhos começaram sendo rejeitados. Isso é normal. O fato de um periódico de prestígio não aceitar seu artigo não significa que outro, igualmente respeitável, não o fará.

**10. Muitos de nossos leitores aspiram seguir uma carreira acadêmica. Considerando sua trajetória internacionalmente reconhecida – refletida em projetos bem-sucedidos, premiações acadêmicas e publicações influentes – que orientações o(a) senhor(a) ofereceria àqueles que desejam iniciar essa jornada com excelência intelectual e integridade?**

Prof. Duncan: A realidade da carreira acadêmica é que se trata de um caminho extremamente difícil de ser trilhado com êxito. Há um número imenso de pessoas tentando seguir essa trajetória, e pouquíssimas vagas disponíveis. Sinceramente, fico impressionado com o fato de que, no meu caso, as coisas tenham dado certo como deram — sobretudo considerando que fui o primeiro da minha família a cursar o ensino superior (raramente pessoas com

esse perfil conseguem se estabelecer na academia).

Acredito que, para obter sucesso nessa carreira, o melhor caminho é trabalhar arduamente (o que parece óbvio), candidatar-se a todas as oportunidades possíveis, publicar com qualidade e construir uma boa rede de contatos. Por "candidatar-se a todas as oportunidades", quero dizer que é necessário estar disposto a trabalhar praticamente em qualquer lugar, caso isso represente a chance de conquistar o primeiro cargo acadêmico. Fico frequentemente surpreso ao ouvir relatos de doutores recém-formados — que, muitas vezes, não têm vínculos fixos — ingressando no mercado acadêmico e se limitando a concorrer a poucas e específicas instituições. Uma vez obtida a primeira colocação, torna-se muito mais fácil alcançar outras posições, possivelmente melhores; mas é imprescindível conquistar esse primeiro posto.

Ao falar em “publicar com qualidade”, não me refiro à quantidade. Na verdade, como já mencionei, é muito mais proveitoso publicar apenas alguns artigos no início da carreira, desde que sejam trabalhos de excelência, veiculados em periódicos de alto prestígio. Isso causará uma impressão mais positiva do que um grande número de publicações medianas. Ao menos, se o pesquisador

optar por publicar em maior volume, é fundamental que uma parcela significativa desses trabalhos seja aceita em revistas acadêmicas de primeira linha.

Por “construir uma rede de contatos”, entenda-se a importância de participar de congressos e outros eventos relevantes na área de atuação, com o objetivo de conhecer os colegas da comunidade científica. Apresente seus trabalhos sempre que possível, certificando-se de que suas comunicações estejam bem elaboradas e articuladas. As pessoas se lembrarão de você, e seu nome poderá surgir em conversas quando novas oportunidades surgirem. Boa sorte!